



www.om.acm.gov.pt / om@acm.gov.pt



Percurso de saúde da criança imigrante: Um estudo de coorte para o concelho da Amadora

M. Rosário Oliveira Martins (coord.), Zélia Muggli, Regina Amado, António Carlos Silva, Dora Vaz, Inês Fronteira

Maio de 2023, Estudo OM 74

Observatório das Migrações

Alto Comissariado para as Migrações (ACM)

ISBN 978-989-685-132-3

Investigação cofinanciada pelo Fundo Europeu para o Asilo, a Migração e a Integração (FAMI)



FUNDO
ASILO, MIGRAÇÃO
E INTEGRAÇÃO



UNION
EUROPEAN



REPÚBLICA
PORTUGUESA



SGMAI
SECRETARIA
GERAL



ACM
ALTO COMISSARIADO PARA AS MIGRAÇÕES

Estudo disponível em: www.om.acm.gov.pt

Contacto: om@acm.gov.pt

Resumo:

Percurso de saúde da criança imigrante: Um estudo de coorte para o concelho da Amadora foi um estudo financiado pelo FAMI – Fundo para o Asilo, a Migração e a Integração (PT/2018/FAMI/356), que teve como entidade acolhedora a Universidade Nova de Lisboa, especificamente o Centro de Investigação e Desenvolvimento em Saúde Global e Doenças Tropicais (GHTM) do Instituto de Higiene e Medicina Tropical, em parceria com o Serviço Nacional de Saúde e a AJPAS - uma ONG local centrada nas necessidades das populações imigrantes.

Foi desenvolvido no concelho da Amadora, entre junho de 2019 e outubro de 2021, tendo como principais objetivos descrever o perfil socioeconómico e demográfico das famílias residentes no concelho da Amadora e analisar a saúde e o desenvolvimento psicomotor e emocional das respetivas crianças em 2019 (pré-pandemia COVID-19) e em 2020/21 (durante a pandemia COVID-19). Pretendeu, ainda, estudar o impacto socioeconómico da pandemia em diversos aspetos da sua saúde e bem-estar, focando a análise das possíveis diferenças existentes entre crianças imigrantes (nacionais de países terceiros residentes em Portugal ou filhas de pai e/ou mãe nacional de países terceiros e residentes em Portugal) e nativas (nascidas em Portugal, com ambos os pais nascidos em Portugal) nascidas no mesmo ano, na perspetiva de se poderem identificar prováveis desigualdades/iniquidades entre estas duas populações.

Numa perspetiva europeia, diversos autores mostraram que o estado de saúde dos imigrantes, à chegada, apresenta melhores indicadores em comparação com a população nativa e com a população da mesma origem que já reside no país de acolhimento há mais tempo – efeito conhecido como o fenómeno do “migrante saudável”, ainda que, com o tempo, o estado de saúde tenda a deteriorar-se. Este efeito pode ser explicado pelo facto de a migração ser um processo seletivo, onde os mais saudáveis têm maior

OBSERVATÓRIO DAS MIGRAÇÕES | OBSERVATORY FOR MIGRATION | www.om.acm.gov.pt

ALTO COMISSARIADO PARA AS MIGRAÇÕES, I.P. | HIGH COMMISSION FOR MIGRATION
Rua Álvaro Coutinho, 14 | 1150-025 Lisboa | T.+(351) 218 106 100 F.+(351) 218 106 117



probabilidade de migrar, não refletindo o estado de saúde em geral da população do país de origem. Com a duração do tempo de residência no país de acolhimento e em função das condições de integração, o efeito atenua-se, passando os imigrantes a reportar níveis de saúde semelhantes ou inferiores aos da população autóctone. Contudo, as diferentes experiências do processo migratório, a heterogeneidade do perfil das populações migrantes e a diversidade de políticas de integração, apontam para que o “fenómeno do migrante saudável” não se aplique em muitos contextos.

As características da experiência migratória e a interação com os novos contextos sociais, económicos e culturais, quer nos países de passagem, quer no de destino, implicam respostas e adaptações que podem afetar a saúde física e mental e criar ou exacerbar vulnerabilidades à doença e a estados pobres de saúde. Contudo, como as experiências de migração são muito diversas, o seu impacto na saúde e na vulnerabilidade dos migrantes não é manifestado uniformemente. Trata-se, pois, de um processo com múltiplas etapas, de natureza complexa, que pode potenciar o efeito cumulativo de vários riscos para a saúde, mas que também proporciona oportunidades de intervenção a vários níveis – local, nacional e multinacional. Ainda assim, os principais desafios em migração e saúde surgem relacionados com uma variedade de barreiras individuais, socioculturais, económicas, administrativas e políticas no acesso aos serviços de saúde.

O papel da migração como determinante de saúde tem-se tornado mais relevante com o interesse crescente da investigação na área da saúde e migração, contudo, os estudos relacionados com a saúde da criança imigrante são mais escassos. Em Portugal, onde a maior parte dos estudos publicados incide em idades superiores a 15 anos, são poucos os estudos que incluam as alterações recentes verificadas nos fluxos migratórios, de que são exemplo mais evidente a crise financeira ou os conflitos na Síria e na Ucrânia. Por seu turno, uma revisão de literatura sobre a saúde das crianças migrantes na Europa mostrou que os estudos já existentes versam, essencialmente, sobre estilos de vida saudável, e que para além do seu estatuto não ser claro, a sua voz tende a ser abafada pela dos seus pais, sendo necessário aumentar a investigação sobre este subgrupo da população imigrante.

A saúde, entendida como um fenómeno social, é condicionada por diferentes níveis de exposição aos seus determinantes. É amplamente reconhecido que as características desta exposição na infância são decisivas para os resultados adversos, por vezes irreversíveis, e iniquidades em saúde na vida adulta do indivíduo, com repercussões na sociedade em geral. Os primeiros oito anos de vida constituem um período particularmente crucial, uma vez que é o mais sensível ao impacto de influências socioeconómicas e biológicas, constituindo uma fase de maior vulnerabilidade durante a qual se constrói a matriz que irá delinear o crescimento, o desenvolvimento e a saúde ao longo da vida. Por outro lado, parece constituir uma janela de oportunidade para formular e implementar intervenções precoces suscetíveis de ajudar as crianças a atingir todo o seu potencial quando iniciam a escola, mas também ter um impacto positivo na sua saúde e bem-estar futuros.

Este estudo caracteriza-se por ser observacional, quantitativo e de coorte, assumindo-se como o primeiro estudo longitudinal na Área Metropolitana de Lisboa com foco no impacto das dinâmicas de migração no perfil de saúde das crianças.



O presente livro está organizado em seis capítulos. O primeiro consiste numa breve contextualização sobre a relação entre migrações e saúde, particularmente considerando as crianças migrantes. No segundo capítulo apresentam-se os objetivos e métodos do estudo, especificando os procedimentos havidos, a amostra e os instrumentos utilizados. O terceiro capítulo traça o perfil socioeconómico e demográfico das famílias migrantes e suas crianças, enquanto o quarto descreve o estado de saúde e de desenvolvimento psicomotor e emocional das crianças dos 4 e 5 anos de idade e o quinto foca a utilização dos cuidados de saúde primários e das urgências por estas crianças. O capítulo sexto trata o impacto da pandemia COVID-19 nestas famílias e suas crianças, ao nível das dinâmicas socioeconómicas, nas atividades desenvolvidas, na saúde mental e no acesso a cuidados de saúde. Por fim, são tecidas algumas considerações finais, incluindo recomendações com base nas necessidades de ação e linhas de intervenção identificadas.

Esta coorte permitiu acompanhar as trajetórias de saúde e a identificação de crianças mais vulneráveis podendo, também, contribuir para a implementação precoce e mais eficaz de intervenções para a equidade em saúde, ao mesmo tempo que promove uma melhor integração das famílias imigrantes. Pretendeu-se, assim, responder às lacunas no conhecimento em Portugal sobre esta temática, e simultaneamente sublinhar a importância de conduzir estudos a nível local, dada a heterogeneidade das populações imigrantes.